



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

SONO NA BIBLIOTECA

Autor(es)

VITOR BATISTA

Contos / Cricas

Para muito boa gente mudar de casa é um grande problema.

Direi até, que é mesmo um enorme problema.

Por isso, não causa grande admiração ao que pode vir a acontecer quando, além de mudarem de casa vão também ter que mudar de cidade.

Se no primeiro caso surgem apenas problemas ligados ao transporte das mobílias, das traquitanas e de-mais “bugigangada” que possuem no local onde, desde ou quase sempre habitaram, no segundo caso, além da dificuldade referida, surgem com maior acuidade as vicissitudes sentimentais que os ligam à casa anterior, à localidade e principalmente aos amigos de longa data. Aos verdadeiros amigos!

Tudo isto posso eu testemunhar em abono da verdade, pois situação idêntica comigo se passou, ainda eu estudava na escola secundária da localidade onde anteriormente vivi, e nasci. O pior por que passei foi sem dúvida o afastar obrigatório dos meus colegas de escola, alguns deles meus companheiros de sempre, dos quais senti grande falta, tão habituados estávamos a conviver uns com os outros. São feri-das muito difíceis de sarar, e não sei mesmo se alguma vez elas se vão curar de todo. Enfim, já lá vão tantos anos e não deixa de ser assunto presente, pelo menos para mim.

A cidade onde agora vivo, já faz anos, é por muitos considerada como sendo uma cidade modelo.

Eu também digo isso, não só por ser uma localidade bastante nova, tem pouco mais de quarenta anos, mas também porque nasceu propositadamente do traço perfeito dum conhecido arquitecto, que previli-giou a construção de média altura, não mais de seis andares por bloco de apartamentos, em detrimento dos habituais 10,12 que parece faziam lei na região. Além disso e por efeito do traço perfeito do pai da cidade, tudo foi concebido duma forma simples e fácil de executar.

O mesmo arquitecto teve também o discernimento e porque não dizê-lo a audácia, de deixar rascunha-das as possíveis novas áreas de construção, que à partida determinavam o limite de crescimento da cidade, e conseqüentemente da sua própria população. É claro que também ficaram previstos novos espaços de lazer, onde se incluem vários recintos desportivos destinados às diferentes modalidades, bem como a espectáculos inseridos na área da cultura. Enfim, uma coisa feita com pés e cabeça!

Quando cheguei na companhia dos meus pais, chegaram também muitos outros novos habitantes, e ainda a cidade não podia mostrar o que ela é hoje, porque a sua construção nem a meio ia. Contudo, e para estes primeiros moradores já tinham sido construídas as infra-estruturas básicas, as escolas, os edifícios de apoio autárquico e fiscal, assim como uma das várias unidades de comércio e serviços necessários a servir a população, que não parava de chegar de acordo com o ritmo do avanço da construção.

Nos vários espaços dedicados ao descanso, podiam ver-se pequenos cartazes, dizendo um “é bom plantar uma árvore”, outro, “se mora aqui, faça o seu jardim”, ainda outro, “este espaço não serve para ani-

mais”, afinal, todos eles a apelar à participação dos novos habitantes no embelezamento da cidade e do

seu espaço habitacional. O certo é que a população colaborava. Mas duma coisa tinha eu a certeza e isto apesar de toda a modernidade que me estava a ser oferecida, nada compensava a falta dos meus melhores amigos.

No princípio, logo depois da mudança, não foi fácil a aproximação aos novos vizinhos totalmente desconhecidos, na medida em que tinham vindo para a cidade tal qual a minha família tinha feito, adquirindo o apartamento, e que o acaso juntava agora a viver no mesmo edifício. E era mesmo a sorte que nos colocava com boa ou má vizinhança, pois não era permitida a escolha do local, nem do andar a habitar, visto que no traço do arquitecto não se notavam falhas em relação às áreas habitacionais, nem mesmo em relação aos diferentes tipos de serviços que pertenciam a cada zona.

Não admira pois que quase ninguém conhecesse alguém, que morasse no mesmo edifício.

Só depois de instalados a preceito é que se começavam a estabelecer os primeiros contactos, as primeiras conversas, as primeiras reuniões de condomínio, para serem tratados assuntos de interesse geral e que serviam também para se fazerem os primeiros juízos de valor sobre a nossa nova vizinhança. No que toca ao meu bloco de apartamentos, segundo os meus pais e numa primeira análise, parecia ser tudo gente boa e em quem se podia confiar. Aliás o mesmo se poderá dizer dos moradores dos edifícios vizinhos, onde era fácil encontrar gente sempre bem disposta, que não negava uma ajuda, quando necessária e solicitada. Contudo, nestas ocasiões, aparecem sempre os que tentam a todo o custo contrariar as decisões tomadas, mas como pertencem a uma muito grande minoria, acabavam por nem se mostrar.

Conhecidos que estavam os vizinhos, fiquei também a saber quem habitava no mesmo piso que o meu, nas fracções esquerda e direita, já que a minha era chamada por frente. Curiosamente, ao meu lado direito vivia um colega da faculdade, se bem que de um curso diferente. Com o passar do tempo e por um melhor conhecimento mútuo, ficámos amigos. Os pais dele, ambos médicos, a mãe neurologista e o pai neurocirurgião, sempre me dispensaram toda a atenção tal qual ao filho faziam e, talvez por isso, tornei-me visita assídua da casa do meu colega, o mesmo se passando no sentido inverso, ele também estava em minha casa sempre que queria.

Por razões que se prendiam com as profissões dos meus vizinhos, mas não só por isso, eles viram-se na obrigação de transformar o maior dos compartimentos da sua casa em biblioteca, tal era a quantidade de livros que possuíam. Alguns ligados à sua área profissional, bastantes de carácter geral e alguns temáti-

cos, de história, ciências da natureza e por aí fora.

A primeira visita que fiz à biblioteca fiquei impressionado com tanto livro, quase todos bem arrumados em prateleiras feitas à medida e dimensão de cada parede da sala. Reparei que ali não havia qualquer aparelho de áudio-visual, por mais pequeno que fosse. Além das prateleiras e livros, apenas havia uma pequena mesa e um maple, que serviam de apoio ao visitante que tivesse necessidade de fazer alguma recolha de dados. Passei também a ser um visitante assíduo da biblioteca, quando nela descobri alguns livros de apoio às matérias que me eram leccionadas na Universidade. Era aqui que vinha consultar livros para esclarecer dúvidas ou para recolher dados para trabalhos que fazia nas aulas práticas das vá-

rias disciplinas que cursava. Apesar desta biblioteca não ser de todo acolhedora, como o deve ser uma casa dos livros, o certo é que me sentia bem neste espaço, quando dele necessitava para as minhas consultas de estudo, a ponto de algumas vezes por lá ficar bastante tempo sentado a olhar prateleiras e livros, alguns deles já de provecta idade.

O que eu achava curioso, porque nunca o tinha visto antes, era o facto desta biblioteca ter sempre a porta fechada à chave, que ficava “escondida” em lugar seguro, o qual apenas os utilizadores conheciam. Tudo porque o menino Luís de apenas quatro anos de idade, irmão mais novo do meu amigo, por onde passava deixava bem vincadas as marcas do seu terrível apetite destruidor. Não admira pois o cuidado que todos tínhamos com a chave da porta da “nossa” casa dos livros.

Apesar de não ser o mais correcto procedimento, muitas vezes os livros em consulta ficavam na prateleira situada mais abaixo, mais à mão de semear, porque em período de exames estavam sempre em utilização. Fora do seu lugar habitual, fazia já bastante tempo, estavam os compêndios de História e Geografia, que se tornavam bem notados pelo seu enorme volume e bem garridas cores. Bem próximo destes, também fora do seu lugar, podia ver-se um velho e muito usado livro de receitas culinárias, certamente cheio de excelentes azeites.

Por descuido não detectado, o menino Luís entrou na biblioteca. Foi um desastre completo. Livros atirados ao chão, com folhas rasgadas, arrancadas, riscadas e tudo o que de pior se possa imaginar. O mais maltratado de todos acabou por ser o velho livro de culinária que ficou num estado lastimoso.

Descoberta a tragédia os livros foram recolocados nos seus lugares, tendo havido alguma hesitação para com o das receitas, que acabou posto a um canto como que a aguardar posterior decisão. Fica ou vai?

Alguns dias depois desta terrível ocorrência, a qual eu desconhecia por completo, tive necessidade de voltar à biblioteca para recolha de alguns dados com interesse para um trabalho prático que tinha entre mãos. Por passar bastante tempo neste local, dei conta que algo de anormal se tinha passado, mas longe de mim pensar na devastadora acção do menino Luís. Peguei no livro que pretendia, e sentei-me para fazer a recolha dos valores pretendidos, e até porque estando em época de exames, sentia-me bastante cansado e muito pouco dormido. Como tal, achei preferível ficar comodamente instalado no maple ali mesmo ao meu dispor. Foi a pior decisão que tomei, porque não cheguei a retirar um único dado com interesse para o trabalho, porque o meu cansaço e a falta de noites bem dormidas, aliaram-se à comodidade do lugar e obrigaram-me a dormir.

O que eu sei é que este meu “passar pelas brasas”, me transportou para a trágica passagem do menino Luís pela biblioteca, o que fez de mim como que um espectador atento de tão maléfica acção, que na realidade foi. No caso presente a minha semiconsciência, levou-me para o centro da confusão causada pelo irmão do meu amigo, pelo que não causará admiração eu ter dado conta dum interessante diálogo entre os sempre rivais, livros de História e Geografia.

Tanto quanto me é possível rememorar, foi assim:

-Eu sou o livro mais importante da biblioteca, porque relato todos os acontecimentos históricos.

-Tu, não és? O mais importante sou eu, porque mostro todos os locais do mundo, mesmo os que são mais relevantes para ti.

-Se não fosse eu como é que se conhecia tão bem o Império Romano, quem sabia da existência dos jardins suspensos da Babilónia, ou mais recentemente, quem descobriu a lâmpada de incandescência?

-Que graça a tua! Como é que se conheciam todos esses locais se não fosse eu? Sim eu, que até mostro as fotos actuais dessas antiguidades!

-Mas tu,...

-Isso agora não interessa! Agora e mudando de assunto, faço-te uma proposta. Precisamos ajudar o nos-so colega das receitas. Coitado, ele pode ter que sair daqui. Depois do que lhe fez o menino Luís, ele

está muito fraco, demasiado fraco.

-De acordo com a ajuda. Qual é então tua proposta?

-Aceito ser o livro de História bem mais importante que o de Geografia, sempre, mas sempre mesmo, apenas por uma condição!

-Proposta aceite! Qual é a condição?

-Vamos fazer uma corrente de força, solidária, pensar nele, pensar que ele fica junto a nós e no fim rezamos todos por ele. Que me dizes ó livro de História?

-Proposta recusada! Tu não estás bom da cabeça, pois não?

-Mas por...porquê,...porque recusas tu a minha proposta?

-Porquê, perguntas tu? Meu caro, isso é fácil de saber, é que: Dos fracos não reza a história!